ELEIÇÕES 2022

Discussões homofóbicas e de temas sexuais ganharam destaque na corrida às urnas deste ano, ocupando espaço que deveria ser utilizado na apresentação de propostas e soluções para os atuais problemas do país

Sexualidade desvirtua o debate eleitoral

» TAÍSA MEDEIROS
» VINICIUS DORIA

A discussão sobre sexualidade — vista pelo filósofo Michael Foucault como privada e reprimida para viabilizar o exercício do poder, de acordo com o modus operandi da ordem social burguesa — ganha palco nos debates políticos atuais. O pensador francês explicava que o sexo, nas sociedades cristãs do século XIX, tornou-se algo que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso. Tal movimento se repete, atualmente, e toma o centro de uma argumentação que deveria colocar em pauta planos de governo e soluções para os atuais problemas do Brasil.

Na última semana, dois políticos mineiros foram protagonistas de casos que ilustram bem esse movimento. Um, eleito deputado federal pela primeira vez, e outro, reeleito, fizeram um embate com forte matiz homofóbica. Cooptado para reforçar a campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas redes sociais, André Janones (Avante-MG) lançou insinuações em seus canais na internet sobre a orientação sexual de Nikolas Ferreira (PL-MG), campeão de votos na eleição para a Câmara dos Deputados e um dos principais apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) neste segundo turno.

Janones postou um vídeo em que dois homens fazem sexo oral e indicou que o deputado recém-eleito seria um deles. "Estou sendo atacado por mentiras, montagens, acusações de pedofilia e até estupro. Tudo já está entregue aos meus advogados", postou Nikolas Ferreira no Twitter. Antes, porém, havia feito uma postagem homofóbica para comentar o vídeo: "Ah, pronto, agora virei viado. É isso".

Embate regional

Um outro caso ocorreu em nível estadual: nas eleições para o governo do estado do Rio Grande do Sul. De um lado, concorre o ex-ministro Onyx Lorenzoni (PL), apoiador de Bolsonaro. Do outro, Eduardo Leite (PSDB), candidato à reeleição.

Lorenzoni veiculou uma propaganda de rádio na última quinta-feira, em que atacava a sexualidade de seu oponente. Na peça, o aliado de Bolsonaro dizia que, caso seja eleito, o Rio Grande do Sul terá uma "primeira-dama de verdade". O ex-ministro é casado com a personal trainer Denise Veberling.

"Os gaúchos e as gaúchas entenderam que vão ter, se for da vontade de Deus e do povo gaúcho, um governador e uma primeira-dama de verdade, que são pessoas comuns e que têm uma missão de servir e transformar a vida dos gaúchos para melhor", disse o candidato, na propaganda. Nas redes sociais, dezenas de pessoas saíram em defesa do governador gaúcho, que se assumiu homossexual no ano passado.

Eduardo Leite escreveu nas redes sociais a respeito, sem citar o oponente. "É motivador ver a sociedade e a opinião pública majoritariamente unidas para condenar demonstrações de homofobia. Não ao preconceito! O amor, o respeito e a tolerância falam mais alto", postou.

> "A sexualidade, que é um tema de privacidade e de todo o respeito de cada um, é usada igualmente por um lado e pelo outro numa guerra pela sobrevivência"
>
> ***Tina Zampieri,*** *psicóloga*

Na avaliação da doutoranda em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP) e co-diretora d'A Tenda das Candidatas, Hannah Maruci, a utilização da estratégia de trazer a público a suposta homossexualidade de um ou outro político para desqualificá-lo não é uma novidade. "Isso está ligado também à ideia de família tradicional. Se a pessoa não é casada logo se assume que é porque ela é homossexual. Sempre esteve presente trazer a intimidade, tornar-la pública de forma a desqualificar aquela pessoa. Ainda mais agora, em que as pautas LGBTQIA+ estão mais relacionadas à esquerda, então há de um lado a família tradicional e de outro é a defesa desses direitos, dessas outras formas de organização familiar", explica.

Hannah acredita que, sim, apesar de controversa, a estratégia funciona e desperta a atenção do eleitor. "Existe um interesse enorme por isso, como se a sexualidade fosse ter alguma influência na vida pública, na atividade daquele ou daquela política. A gente tem aí uma população que em grande parte é conservadora em valores e que não vê com bons olhos orientações sexuais que não sejam a heterossexual. Claro que não deveria ter um efeito, mas com certeza tem. Especialmente agora", aponta.

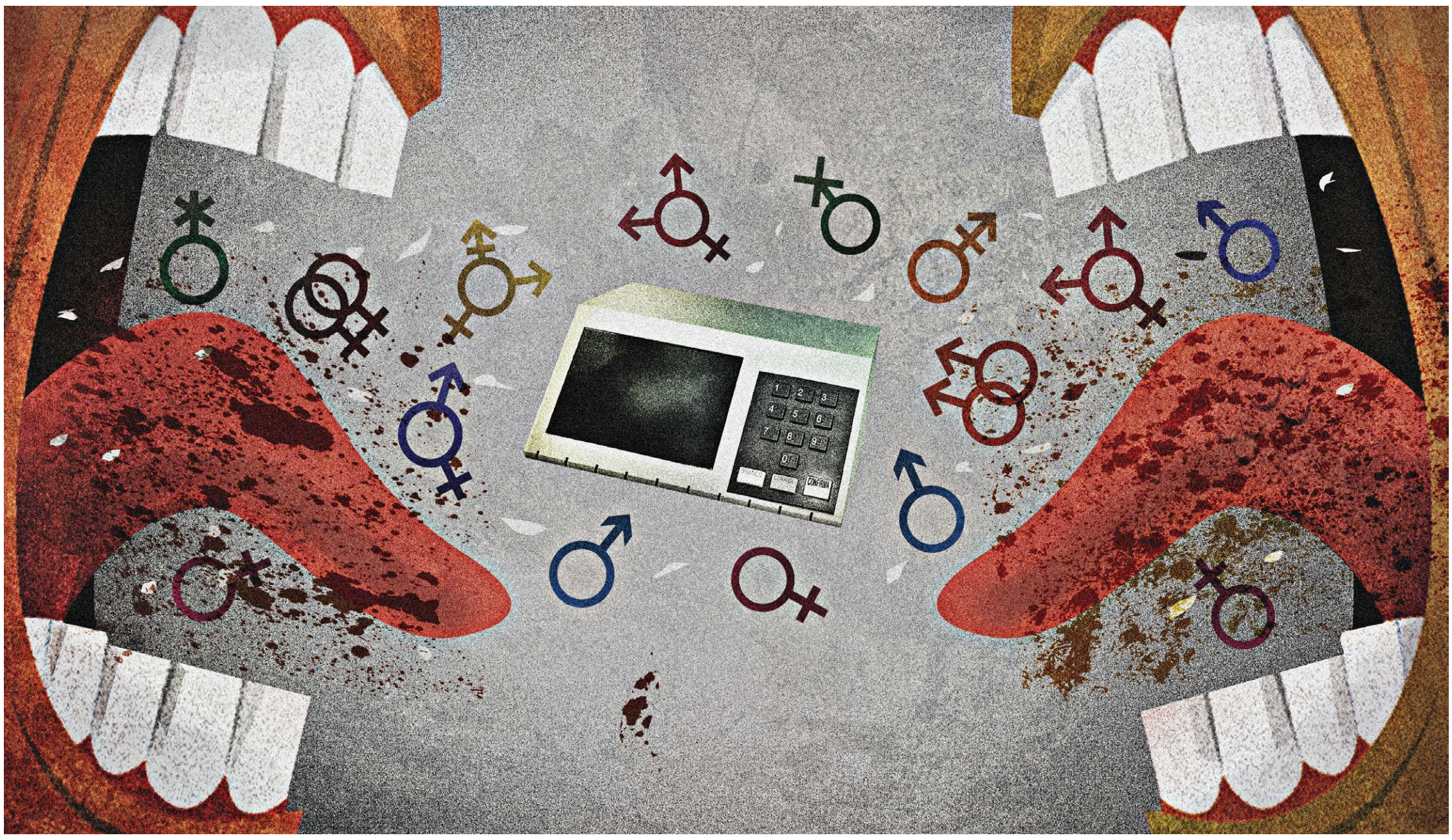
Instinto animal

A psicóloga doutora em ciências da saúde, Tina Zampieri salienta que a arma usada acaba por instituir uma guerra pela sobrevivência. "A sexualidade, que é um tema de privacidade e de todo o respeito de cada um, é usada igualmente por um lado e pelo outro numa guerra pela sobrevivência. Isso está muito atrelado ao instinto de sobrevivência, ambos usam a mesma arma de modos diferentes", detalha.

O corpo humano possui um sistema de neurocepção, o qual detecta riscos que esteja correndo. "Ele inconscientemente prepara o corpo para fugir, para lutar ou simplesmente o corpo é acalmado diante da situação e a pessoa raciocina e tem um comportamento adequado, que é o que não acontece dentro da da guerra pela sobrevivência, que infelizmente a gente tem, hoje, dentro dessa ambivalência de que vença o mais forte e não o mais capaz ou o mais preparado. Esse comportamento mais evoluído cai por terra pelo estado exacerbado de tensão, que é incompatível com o estado que o nosso organismo precisa ter para que funcione dentro dessa resposta de prevalecer a razão e o diálogo", explica Zampieri.

Por trás desses debates, estão anos de uma sociedade reprimida, defende a psicoterapeuta e palestrante, Myriam Durante. "Não podemos nos esquecer que somente há pouco mais de 30 anos é que a homossexualidade foi excluída da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, a homofobia passou a ser crime somente em 2019, ou seja, estamos, no meu ponto de vista, ainda numa fase de transição", salienta a psicoterapeuta.

Com a intenção de diminuir o oponente e colocá-lo em condição de anormalidade, a estratégia acaba por desfocar da pauta central do debate, que são as propostas de governo. "Ainda vemos reflexo desses tempos, especialmente em cenários onde o respeito ao próximo é ignorado e o debate não se dá em torno de ideias, mas de golpes contra os adversários. O Brasil guarda resquícios de uma sociedade onde o homem branco e hétero é considerado o 'padrão', ou seja, é o "modelo desejável". Quem está fora desse padrão está em 'desvantagem'", observa.



Neologismo preconceituoso

E, nesse debate em torno de temas sexuais, o presidente Jair Bolsonaro ainda trouxe a público a condição de ser "imbroxável" em várias ocasiões. Apesar da conotação altamente sexual, o chefe do Executivo não se constrange em fazer comentários do tipo, com forte conotação preconceituosa.

Desde que assumiu o governo, ele usa palavras e expressões que remetem à sexualidade. O neologismo "imbroxável" (que poderia ser traduzido como homem que não perde a ereção ou, em sentido mais amplo, que não perde o apetite sexual) foi cunhado por Bolsonaro em uma palestra que fez na Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, em 2018, antes mesmo de ser eleito para o cargo mais alto do país em outubro daquele ano.

De lá para cá, o presidente já se considerou "imbroxável" mais de uma dúzia de vezes. No ano passado, a expressão ganhou a companhia de mais duas palavras — devidamente dicionarizadas, mas com duplo sentido de interpretação: imorrível (que não morre jamais) e incomível (que não pode ser comido), ambos com clara conotação homofóbica.

Mas, foi nos atos de comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil, em 7 de setembro, que o presidente levou o epíteto ao palanque eleitoral. Após o desfile militar na Esplanada dos Ministérios, Bolsonaro subiu em um carro de som e ajudou a puxar o coro de "imbroxável". Fez o mesmo no comício de Copacabana, Rio de Janeiro, no mesmo dia. O coro também se repetiu duas semanas depois, em uma churrascaria de Nova York, após discursar na sessão de abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

O presidente costuma utilizar-se de expressões de cunho sexual em seus discursos, sem demonstrar preocupação em constranger alguém, seja a própria esposa, Michelle, ou mulheres e homossexuais em geral, principais alvos de suas declarações. Ele já agrediu uma jornalista, Patrícia Campos Mello, da *Folha de S.Paulo*, dizendo que ela só queria "dar o furo", um jargão jornalístico que significa publicar uma notícia em primeira mão. Nas palavras do presidente ganhou uma chula conotação sexual. Campos Mello abriu um processo contra a declaração sexista e, em julho deste ano, o Tribunal de Justiça de São Paulo confirmou a condenação do presidente, em segunda instância, com indenização fixada em R$ 35 mil à jornalista.

No caso da primeira-dama, o presidente a deixou em situação desconfortável em um evento no Palácio do Planalto, em novembro do ano passado. Ele fez questão de expor sua intimidade com a esposa logo na abertura de seu discurso. "Bom dia a todos, menos para a primeira-dama, porque eu já dei um bom dia muito especial para ela hoje. Acredite se quiser", disse Bolsonaro, olhando para Michelle. A saia justa foi transmitida ao vivo pela TV Brasil. **(TM e VD)**